

## Os meninos-pioneiros nas obras de Pepetela, Manuel Rui e Ondjaki

The Pioneer Boys in the Works of Pepetela, Manuel Rui and Ondjaki

Akemi Aoki<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio analisa comparativamente as obras “As aventuras de Ngunga”, de Pepetela, “Cinco dias depois da independência”, de Manuel Rui, e “Bom dia camaradas”, de Ondjaki. Examina-se o modo como esses textos figuraram infâncias atravessadas pela violência para traçar contornos nacionais, em momentos diversos do processo de descolonização de Angola e no pós-independência.

**Palavra-chave:** criança-soldado, literatura angolana, infância, guerra colonial

**Abstract:** This essay analyzes comparatively the works "As aventuras de Ngunga" of Pepetela, "Cinco dias depois da independência," of Manuel Rui, and "Bom dia camaradas" of Ondjaki. I examine how these texts figure childhoods crossed by violence to draw the Angolan national boundaries at different times of the decolonization process and in the post-independence.

**Keywords:** child-soldier, angolan literature, childhood, colonial war.

*A miudagem também já caga sentenças sobre a guerra.*

Manuel Rui

Retirada do conto “Cinco dias depois da independência”, do angolano Manuel Rui, a passagem escolhida como epígrafe é uma pequena pílula lapidar que dá conta de uma vasta produção contemporânea protagonizada e narrada, muitas vezes em primeira pessoa, por crianças e adolescentes africanos em situações de guerra. Apesar de a presença expressiva de “minitares”<sup>2</sup> em conflitos armados não ser um fenômeno recente e nem exclusivamente africano<sup>3</sup>, a imagem de um menino negro carregando uma AK47 foi de tal forma difundida que se tornou paradigmática da história recente do continente e sintomática em textos literários que por ele se interessam. Como diz o narrador-menino de “Allah n’est pas obligé”: “L’enfant soldat est le personnage le plus célèbre de cette fin du vingtième siècle” (KOUROUMA, 2000, p. 90). Em 1972, durante a libertação angolana, Pepetela escreve “As aventuras de Ngunga” e em 1985 o nigeriano Ken Saro-Wiwa lança

<sup>1</sup> Doutoranda no programa de pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Mestre em Culturas Literárias Europeias pela Universidade de Bolonha e pela Universidade de Estrasburgo.

<sup>2</sup> Referência à tradução francesa de “Sozaboy”, de Ken Saro-Wiwa: “Sozaboy (Pétit Militaire)”, traduzido em 1998 por Samuel Millogo e Amadou Bissiri, editora Actes Sud, coleção Babel.

<sup>3</sup> Ver “Armies of the Young: Child Soldiers in War and Terrorism”, David Rosen, New Jersey: Rutgers University Press, 2005.

“Sozaboy”. Desde então, principalmente nos anos 2000, um conjunto consistente de obras sobre o tema foi produzido por autores de diversas nacionalidades, tendo encontrado reverberação editorial e galgado traduções e prêmios internacionalmente. Circulam textos para público jovem e/ou adulto, de cunho tanto ficcional quanto testemunhal, em inglês, francês e português, ou ainda em versões alteradas da variação padrão dessas línguas, principais línguas da colonização. Tais personagens-crianças vêm, de fato, “cagando sentenças sobre a guerra”, através de narrações que confeccionam ambientes particularizados por situações-limite de violência, onde a criança é uma vítima da guerra que de repente irrompe, abala o seu mundo e a convoca a torturar, a estuprar e a matar para sobreviver. Ao encenar uma infância mortífera, essa criança em sofrimento e em estados de transmutação não-humana, como convencionalmente trabalhado na produção anglófona e francófona mais recente<sup>4</sup>, oferece material maleável e produtivo na medida em que se torna um eficaz ativador de dispositivos de choque, de pena, de medo e de corrosão de quadros de referência de leitura.

Neste ensaio, analiso comparativamente três obras da literatura angolana, “As aventuras de Ngunga” (1972), de Pepetela, “Cinco dias depois da independência” (1977), de Manuel Rui, e “Bom dia camaradas” (2001), de Ondjaki, narrativas que apostam na figuração de infâncias atravessadas pela violência para traçar contornos nacionais, em momentos diversos do processo de descolonização e pós-independência de Angola, e que entram em conflito com o tipo de produção contemporânea a que fiz referência. Os meninos-soldado angolanos são completamente donos de si, de seus valores, de seus objetivos e de sua humanidade; são meninos que cumprem uma função específica no projeto literário de um momento histórico crucial.

As narrativas selecionadas são profundamente marcadas pelo regime de feição socialista que lutou pela independência e tomou as frentes de Angola. “As aventuras de Ngunga”, de 1972, é um romance de formação em que o protagonista cumpre um arco heroico alguns anos antes da libertação do país. “Cinco dias depois da independência”, de 1977, é um conto em tom de homenagem às crianças, pioneiros do MPLA, tombadas na luta pela liberdade. Seus respectivos autores, Pepetela e Manuel Rui, membros do MPLA, fazem transparecer, sobretudo Manuel Rui, os ideais do partido em narrativas militantes de sua causa e de sua ideologia socialista. Após o salto da guerra, o livro de

---

<sup>4</sup> Penso em Emmanuel Dongala, “Johnny chien méchant” (2002), Ahmadou Kourouma, “Allah n’est pas obligé” (2000), Uzodinma Iweala, “Beasts of No Nation” (2005) e Chris Abani, “Song for Night” (2007), por exemplo.

Ondjaki, “Bom dia camaradas”, de 2001, também é legatário desse regime, cuja evidência se encontra já no título.

“Se voltarmos ao nascimento de Belém como modelo de todo nascimento, o terror estaria encarnado no infanticídio de Herodes” (LARROSA, 2004, p. 190). Essa proposição de Jorge Larrosa, no esforço de pensar a identificação entre pedagogia e totalitarismo em profundo diálogo com as assunções de Hannah Arendt sobre o potencial inaugural de todo nascimento para iniciar um novo começo na História, nos serve como porta de entrada para falar dos pioneiros de Angola que protagonizam os textos aqui estudados. Apesar da concepção da criança como apolítica, que não desempenha deveres de cidadão, diversas são as políticas em torno da infância, já que historicamente o interesse principal do Estado pelas crianças sempre teve a ver com o porvir da nação (MILLEI, 2014, p. 137), ou seja, apesar das cartilhas humanitárias sobre os direitos universais da criança, o interesse do Estado incide antes sobre a questão da governabilidade futura do país do que sobre a vida do indivíduo. O terror totalitário consiste em “matar as crianças para eliminar do mundo a novidade que poderia ameaçá-lo” (LARROSA, 2004, p. 190), como Herodes aniquilou os bebês de Belém em busca do Cristo que abalaria a continuidade de seu mundo. Para Larrosa, talvez o nazismo e o estalinismo tenham sido os rostos mais evidentes com os quais o terror totalitário se mostrou no século XX. Ambos os regimes supervalorizavam a juventude, transformando-a em um valor quase absoluto, em uma obsessão publicitária e em um objeto de culto. A diferença em relação ao modelo herodiano é que não se tratava tanto de assegurar a conservação de um mundo velho, mas de fabricar um mundo novo. De todo modo, o olhar que esses sistemas lançavam à juventude era também um modo de matá-la, já que a convertia na encarnação de uma ideia de organização do mundo, produzindo um futuro previsto de antemão.

Se a isso acrescentarmos o culto ao sacrifício, à violência e à morte, o resultado é também o massacre. Tanto a pretensão de manter a continuidade do mundo, quanto a pretensão de sua transformação radical exigem, no limite, um mesmo tributo de sangue infantil (2004, p. 191).

Esse aniquilamento das possibilidades sempre abertas que a infância potencialmente lança ao futuro era acionado de modo implacável pelas organizações juvenis dos Estados totalitários do século XX, tanto fascistas como comunistas. De um lado, a Juventude Hitlerista na Alemanha nazista, a Mocidade Portuguesa sob Salazar, a

*Frente de Juventudes* sob Franco e a *Opera Nazionale Balilla* no governo de Mussolini. De outro, as organizações dos Pioneiros na União Soviética e em países de orientação comunista. Umas mais rígidas do que outras, todas as organizações tinham como objetivo instaurar nas crianças valores patrióticos e prepará-las para defender os interesses da nação, numa dinâmica de condicionamento ideológico e treinamento paramilitar, de modo a encaminhar toda uma geração em direção à fabricação de mundos totalitaristas.

Em Angola, a primeira organização político-social infantil, Organização dos Pioneiros Angolanos, foi fundada a primeiro de dezembro de 1966, passando a designar-se, em 1991, Organização dos Pioneiros de Agostinho Neto (OPA)<sup>5</sup>, que existe até hoje. A representação dessa organização e de seus pequenos membros cumpriu função importante nos textos das imediações da independência, em que era necessário fazer ver a mobilização de um povo inteiro a favor do ideal de liberdade, contra o colonialismo português. Esta mobilização deveria, por força, incluir até mesmo os “mais pequenos”, os “miúdos” que nada deveriam ter a ver com a guerra e que, no entanto, tudo tinham a ver, porque até mesmo eles compreendiam o valor daquela luta. Essencial lembrar que a palavra “pioneiro” vem da palavra *pionnier*, que em francês tem como primeiro significado “soldado de infantaria” (e por analogia aquele que vem na frente, o precursor), que, por sua vez, já possui essa afinidade vocabular com a infância: o infante da infantaria e o infante da infância. Entramos aqui num universo autorreferencial simbólico que reforça o vigor dessas narrativas, em seu momento histórico. Por outro lado, a sua continuidade da existência da Organização dos Pioneiros até hoje pode ser vista como carregada de outros sentidos, tão opressores quanto os do poder colonial do qual se desligaram.

Em “As aventuras de Ngunga”, a ordem é clara: “Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga!” (PEPETELA, 2002, p. 115). Após matar o chefe da PIDE que o capturou e fugir, Ngunga reflete:

Ngunga não o matou por lhe ter batido. [...] Matou-o porque era um inimigo, um assassino. Matou-o porque torturava os patriotas.

– O pioneiro do MPLA luta onde estiver – gritou ele para as árvores (p. 116).

Esse romance, primeiro de Pepetela, foi escrito para ser uma cartilha de alfabetização para os guerrilheiros, muitos de origem russa, que não conheciam a língua

---

<sup>5</sup> Ver o site da Fundação Antonio Agostinho Neto:

[http://agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=884:agostinho-neto-a-humanidade-deve-protoger-os-direitos-fundamentais-da-crianca&catid=37:noticias&Itemid=206](http://agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=884:agostinho-neto-a-humanidade-deve-protoger-os-direitos-fundamentais-da-crianca&catid=37:noticias&Itemid=206)

portuguesa (DUTRA, 2012, p. 231). Trata-se de um romance de formação, narrado em tom didático e épico, cuja história se passa na década de 1960, provavelmente pelo menos uma década antes da independência em 1975, contada em terceira pessoa sobre um órfão dos 13 anos aos 17 anos, Ngunga, que vai migrando de cidade em cidade, de “protetor” em “protetor”, passando pela mão de chefes de cidades, de um guerrilheiro, de um professor e do já citado comandante português da PIDE. Após matá-lo, Ngunga foge para encontrar seu amigo guerrilheiro, a quem posteriormente abandona e decide ir para a escola. Ngunga é um herói com características modulares. Marcelo José Caetano, ao analisar o romance, chamou o (auto)salvamento de Ngunga de “pedagogia da esperança” (2006), uma pedagogia utópica que pretenderia rasurar o discurso hegemônico europeu, fazendo com que Ngunga respondesse simbolicamente pelo povo angolano ao desafio de alterar a realidade social. Para Caetano, o livro sustenta a resistência ao colonizador e ao conflito interno de velhas mentalidades no seio da própria comunidade colonizada: “não é suficiente triunfar sobre o outro, mas deve-se triunfar sobre si mesmo” (2006, p. 46). Ngunga, uma noite, simplesmente abandona seu grupo guerrilheiro e parte sozinho para a escola, fazendo desaparecer do cenário da luta a criança que fora e ressurgindo como símbolo de esperança dos ideais libertários de Angola, enquanto adulto.

Ngunga só se despediu de Mavinga. Explicou-lhe por que queria ir secretamente. Pediu-lhe para não contar a ninguém aonde ia e não voltar a falar de Ngunga, que tinha morrido nesta noite inesquecível. E não revelou o seu novo nome ao Comandante. Partiu sozinho para a escola. Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga. (PEPETELA, 2002, pp. 165-166)

O narrador anuncia a morte de Ngunga e seu renascimento, com um novo nome, enquanto homem, a serviço da construção de novas possibilidades político-identitárias angolanas.

Não se pode dizer que o conto de Manuel Rui, “Cinco dias depois da independência” tenha um cunho “de formação” através do acompanhamento de um personagem, como o romance de Pepetela, mas também se pode dizer que se dedica a um empreendimento de formação da nação a partir da infância. Escrito e publicado em 1977 sobre os dias imediatamente anteriores e sucessivos à independência, também é uma história narrada em terceira pessoa, cujos protagonistas compõem um esquadrão de

pioneiros, muito orgulhosos de si e de sua missão, que se enxergam verdadeiramente como guerrilheiros. A esta altura, diferentemente do romance de Pepetela, fica claro que os pioneiros não são oficialmente soldados e não deveriam participar da guerra, mas a ficção ajuda a localizar como eles de fato funcionavam ou como queriam funcionar, na rede da guerra:

- Como é pioneiros? A fazer o que aqui? Toda a gente a ir embora e vocês, como é? Estou a ver. Não têm base, não vão à escola nem nada. Não é? Um pioneiro não é um vadio. [...] Toca a andar. Não estão a ouvir tiros?

- Este fogo é alto, passa lá em cima, nem acerta nas telhas.

- Olha ao que nós chegamos! A miudagem também já caga sentenças sobre a guerra! Toca a andar e depressa. Um pioneiro é um pioneiro. Nem mais um aqui.

[Os pioneiros] começaram a andar com mágoa na direção do cinema Império.

Comandante Kwenha, cabisbaixo. Como um general de maiores condecorações a quem, injustamente e em público, desprezaram as estrelas de comando. Mas as condecorações, essas, permaneciam bem dentro do peito. (p. 111-112)

Em suas missões, eles ajudam a passar todo tipo de informação para os Faplas, o braço armado do MPLA. Eles correm de um lado para o outro da cidade atrás das confusões até que terminam num ataque que está acontecendo na UNTA. Lá, eles encontram a segunda protagonista, de nome Carlota<sup>6</sup>, militante do MPLA, grávida de oito meses. Durante o ataque à UNTA, Carlota se esconde num tubo de esgoto e um dos pioneiros do esquadrão acaba também se refugiando ali, separando-se de seus companheiros. O centro do conto é o momento que os dois passam juntos dentro deste tubo. Enquanto Carlota se desespera, segura a barriga e chora, é o pioneiro que consegue acalmá-la, agitando-se de felicidade a cada vez que escuta os tiros de fora, contando “é deles é nosso é nosso é nosso é deles” (p.156). Ele entende cada som da guerra e sabe prever os passos dos seus e dos inimigos. Quando o ataque cessa e os dois conseguem sair, acabam se perdendo um do outro, os dias passam, a independência acontece, o bebê nasce e Carlota fica à procura desse pioneiro porque não sabe seu

---

<sup>6</sup> Provavelmente em referência à Operação Carlota, intervenção militar cubana em Angola a partir de 75.

nome e quer dá-lo ao seu bebê. Contudo, cinco dias depois da independência, ela descobre que ele havia sido morto quando mercenários tentaram transpor a frente da cidade de Caxito.

Essa presença infantil é instigante porque aparece como figura de amparo e de iniciador, ajudando uma mãe angolana e um novo filho de Angola a sobreviver, mas morrendo, ele mesmo, pouco tempo depois. A relação criança-adulto é virada do avesso, porque é o pioneiro que tem algo a ensinar sobre coragem, esperança, liberdade, luta. Manuel Rui, num dado momento, interrompe a narrativa para fazer uma espécie de homenagem em modo lapidário. Diz que mandaria este conto ao general com a dedicatória:

Põe-te em sentido! Porque em Angola estamos a escrever... para contarmos todas as estórias de todos os meninos que vão andar eternamente baloiçando na espuma do nosso mar azul. Destes meninos com todos os nossos olhos nos olhos do futuro como um horizonte de vitória certa. Destes meninos que marcharam sob o fogo contra o fogo. Destes meninos de saberem canções, inventarem canções-palavras-de-ordem contra o imperial. Destes meninos de beberem a lágrima sabor nosso muita tanta alegria sempre que se libertou mais um palminho de terra desta nossa Pátria. Destes meninos como um manual onde cada um mais-velho aprendeu o que lhes desejaria ensinar. Destes meninos-mar. Destes meninos-tudo. Destes meninos defronte dos cartazes do cinema Império a olhar só as figuras porque não sabem ler e mesmo assim entendem coisas importantes como liberdade (p. 116-117).

Se Ngunga morre, enquanto criança, metaforicamente, para dar lugar ao adulto que levará a termo o futuro da nação, este pioneiro sem nome do conto de Manuel Rui morre de fato, mas deixa em seu lugar um outro, o filho de Carlota, que o substituirá na luta pelos objetivos nacionais. A criança africana da guerra se encontra, muitas vezes, na condição de artigo indefinido. É muito comum que não tenham nome, ou que tenham um nome flexível, facilmente mutável, ou seja, que percam esse índice de pertencimento que é o nome. Eles são “uma criança”, qualquer. Como coloca Marcelo José Caetano, “perde-se o caráter existencial do protagonista e intensifica-se seu estatuto ontológico” (2006, p.49). Neste sentido, eles não são ninguém. São “a representação simbólica do nível de

consciência que se deve alcançar” (p.49). Personificam uma coletividade capaz de mudar a história, alterando completamente seu curso. O conto de Manuel Rui contorna o aniquilamento do potencial infantil trazendo um novo nascimento para cada criança morta.

A maternidade em “Cinco dias depois da independência” é uma estratégia narrativa útil no momento crucial da independência, de um autor que fala de dentro do MPLA, através de personagens também internos ao MPLA, uma vez que esse nascimento aponta para uma continuidade, que se daria pelo nome, um pioneiro por outro, mais do mesmo. Pepetela, no entanto, usa a estratégia contrária, ele se vale da tradicional orfandade infantil em literatura, de peso profundamente significativo porque configura a criança, Ngunga, como não pertencente a um passado, alguém desvinculado e não contaminado pelas gerações anteriores. Ngunga significa a alteridade total, aquele que não tem laços nem com a realidade colonial nem com a própria rede social angolana da época.

Essa questão em “Bom dia camaradas”, cuja narrativa se passa em torno dos anos 1980-90, já é tratada sob uma perspectiva completamente outra. Trata-se da visão da classe média, uma história narrada em primeira pessoa por um garoto que vai à escola, tem cozinheiro e motorista, dá entrevista para a Rádio etc. Apesar da guerra civil, o embate com a guerra é muito mais imaginativo com a ameaça de um certo “Caixão Vazio” que, segundo a lenda, percorreria as escolas matando crianças, estuprando professoras etc. – algo que na verdade não se sabe realmente se existe. A família do protagonista é extremamente presente, o que implica um enfrentamento com as gerações anteriores da história do país: o cozinheiro que lembrava com nostalgia do tempo dos portugueses, a tia que foi fazer a vida em Portugal. O menino pertence, ele faz parte daquela sociedade que precisa (con)viver com a sua história, apreender seu passado e elaborar o presente.

O protagonista e seus amigos são, também eles, pioneiros do governo: cena significativa é o momento do desfile em que trabalhadores e estudantes iriam marchar até o Largo 1º de Maio para ver o “camarada presidente” sentado na tribuna. “Ela só nos disse para irmos fardados, limpos, para não esquecermos do lenço da OPA, e quem quisesse podia trazer cantil” (2006, p. 67), foram as ordens da professora cubana. No dia do desfile, quase uma página é ocupada com os gritos lançados pelo “camarada do microfone” que aquecia as pessoas:

- Um só povo uma só...? – ele.
- ...NAÇÃO!!! – nós berrávamos a sério, aproveitávamos sempre para berrar.



- Um só povo uma só...?
- ...NAÇÃO!!!
- A luta...?
- ...CONTINUA!!!
- A luta...?
- CONTINUA!!!
- Mas a luta, camaradas? – ele também berrava, tipo tava contente.
- CONTINUA!!!!!!!!!!!!
- E a vitória...?
- É CERTA!!!
- E a vitória...?
- É CERTA!!!
- O MPLA é o povo...
- E O POVO É O MPLA!!!
- O MPLA é o povo...
- E O POVO É O MPLA!!!
- Abaixo o imperialismo...
- ABAIXO!!!
- Abaixo o imperialismo...
- ABAIXO!!!
- Obrigado, camaradas...

[...]

As escolas começavam a fazer formação outra vez, os mais baixos à frente, os grandalhões lá para trás. “DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO... DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO!”, foi assim que nós berrávamos quando passamos mesmo em frente ao camarada presidente, ele estava de pé, a bater palmas e a rir, era tanta gente a gritar que ele não devia ouvir os nossos gritos de crianças. (p. 90-91)

O livro, ficcionalização da infância do próprio autor, propõe uma leitura de uma Luanda que sofria os efeitos colaterais da guerra civil no restante do país. Ndalú é um pioneiro de classe média, que não se envolve diretamente em batalhas, mas vive em constante guerrilha psicológica numa cidade em que “não se pode duvidar as estórias” porque “há muita coisa que pode acontecer e há muita coisa que, se não pode, arranja-se

uma maneira de ela acontecer” (p. 108). Depois de traçar tipos da sociedade luandina da época (a tia de Portugal, o cozinheiro que preferia na época dos tucas e os professores cubanos) e de representar o poder central exercido pelo MPLA na cena do desfile, o romance fecha um arco e termina com o anúncio do final (provisório) da guerra e a decisão da abertura das primeiras eleições em 1992.

Nessas amostras, percebemos como o tratamento dado ao pioneiro do MPLA se modifica através dos anos e a depender do ambiente, rural ou urbano, em que a criança se encontra. Ngunga, no meio rural, e em plena guerra colonial, é incentivado firmemente à luta. Já o esquadrão do comandante Kwenha, no conto de Manuel Rui, em meio urbano, apesar de competente, é de certa maneira desprezado enquanto esquadrão guerrilheiro a ser levado a sério, porque é formado por miúdos. Já para os anos oitenta, também em Luanda, os pioneiros de classe média experimentam uma vivência completamente outra da organização. No texto de Ondjaki, o pioneiro de classe média é parte de uma formalidade que participa de desfiles. Nesses três textos, percebe-se a figuração de crianças-soldado heroicas e positivas num projeto de gestação e nascimento da nação, através da confecção, de um lado, de pioneiros muito corretos, muito corajosos, muito dignos e conscientes daquilo que fazem, da liberdade pela qual lutam, e de outro, do menino bem nascido e bem criado, a quem cabe o processo de elaboração e de reconciliação do angolano com a sua história.

## **Bibliografia**

CAETANO, M. J. A pedagogia da esperança em “As aventuras de Ngunga”. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, 2006, pp. 43-53.

DUTRA, Robson. A infância, a guerra e a nação. In: BRUGIONI, E.; PASSOS, J.; SARABANDO, A.; SILVA, M. (Org.). **Itinerâncias, percursos e representações da pós-colonialidade**. [S.l.]: Universidade do Minho, 2012, pp. 229-241. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23588/1/Itinerancias.pdf>. Acesso em 07 abr. 2016.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, pp. 183-198.

LEITE, A. M. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MILLEI, Zsuzsa. The Cultural Politics of ‘Childhood’ and ‘Nation’: space, mobility and a global world. **Global Studies of Childhood**, Oxford, vol. 4, n. 3, 2014, pp.137-142.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

RUI, Manuel. **Sim camarada!**. Luanda: UEA, 1977.